



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

O Cesto dos Tesouros: uma proposta pedagógica para a creche

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Ana Francisca Martins Rico

Coimbra, 2021



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Ana Francisca Martins Rico

O Cesto dos Tesouros: uma proposta pedagógica para a creche

Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentado ao
Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para
obtenção do grau de Mestre

Constituição do júri

Presidente: Professora Doutora Ana Maria Sarmento Coelho

Arguente: Professora Doutora Joana Alexandra Soares de Freitas Luís

Orientadora: Professora Doutora Vera Maria Silvério do Vale

Janeiro, 2021

Agradecimentos

A todas as crianças com as quais me cruzei, que me acolheram sempre de braços abertos e foram, sem dúvida, a principal fonte de motivação e aprendizagem.

À Educadora Cooperante e à Auxiliar que me receberam na creche, por toda a ajuda na realização deste trabalho.

À minha orientadora, a professora Vera do Vale, por todo o acompanhamento e disponibilidade e por todas as palavras de força, principalmente quando algo não corria tão bem.

A todos os professores da Escola Superior de Educação de Coimbra, pela partilha de conhecimento e por todos os desafios que me fizeram crescer.

Às colegas de curso que se tornaram amigas, em particular à Tatiana, presença constante desde o primeiro ano, e à Carolina e à Diana, com quem partilhei os desafios do mestrado. Obrigada por todo o apoio e amizade.

Aos meus pais, que desde pequena me ouvem dizer que quero ser Educadora de Infância e sempre apoiaram essa escolha e acreditaram em mim. Obrigada por estarem sempre dispostos a ajudar.

Às minhas irmãs, as minhas primeiras amigas, com quem posso sempre contar.

Por último, mas não menos importante, aos meus amigos, por estarem sempre presentes.

O Cesto dos Tesouros: uma proposta pedagógica para a creche

Resumo: Durante os primeiros anos as crianças são aprendizes sensoriomotores, isto é, aprendem através dos cinco sentidos e do movimento, explorando aquilo que as rodeia. A função do educador é proporcionar tempo, espaço e materiais interessantes e desafiantes, garantindo que as crianças têm experiências diversificadas. O estudo apresentado no presente relatório, realizado ao longo da prática educativa em creche, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, visa dar a conhecer o Cesto dos Tesouros, uma proposta pedagógica que potencia a aprendizagem ativa, criando oportunidade para que as crianças explorem autonomamente uma diversidade de objetos não estruturados, apelativos aos sentidos. Assim, realizaram-se três sessões de Cesto dos Tesouros, com crianças que tinham entre 10 e 18 meses. A análise dessas sessões permitiu compreender o processo de aprendizagem das crianças, bem como comprovar o potencial desta proposta, que proporcionou experiências de exploração diversificadas e contribuiu para o desenvolvimento de diversas competências, tendo cada criança agido ao seu ritmo e de acordo com os seus interesses.

Palavras-chave: Brincar Heurístico; Cesto dos Tesouros; Creche

The Treasure Basket: a pedagogical proposal for daycare

Abstract: In the early years children are sensorimotor learners, that is, they learn through the five senses and movement, exploring what surrounds them. The educator's role is to provide time, space and interesting and challenging materials, ensuring that children have diversified experiences. The study presented in this report, carried out over the course of the educational practice in daycare, in the scope of the Master in Pre-School Education, aims to disclose the Treasure Basket, a pedagogical proposal that enhances active learning, creating the opportunity for children to autonomously explore a diversity of unstructured objects, that are sensory appealing. Thus, three Treasure Basket sessions were held, with children who were between 10 and 18 months old. The analysis of these sessions allowed us to understand their learning process, as well as prove the potential of this proposal, which provided diversified exploring experiences and contributed to the development of various skills, with each child acting at their own pace and according to their interests.

Keywords: Heuristic Play; Treasure Basket; Daycare

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1. Organização do Espaço e Materiais em Creche	7
2. Brincar Heurístico	10
3. Cesto dos Tesouros	11
3.1. Papel do Adulto	13
3.2. Desenvolvimento e Aprendizagem	15
CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DO ESTUDO	17
1. Caracterização da Instituição	19
2. Caracterização do Grupo	20
CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	23
1. Questão de Partida e Objetivos	25
2. Instrumentos de Recolha de Dados	25
3. Procedimentos de Recolha dos Dados	26
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	31
1. Autonomia	33
2. Manuseamento dos Objetos	36
3. Interação entre Pares	40
4. Implicação	42
5. Narrativas de Aprendizagem	45
6. Conclusões	47
CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

APÊNDICES.....	61
Apêndice I – Documento informativo sobre o papel do adulto.....	63
Apêndice II – Consentimento informado.....	64
Apêndice III – Narrativas de aprendizagem	67

Índice de Imagens

Imagem 1 – Objetos do primeiro cesto. Fonte própria.	27
Imagem 2 – Objetos do segundo cesto. Fonte própria.	28
Imagem 3 – Objetos do terceiro cesto. Fonte própria.	28

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Autonomia.....	34
Tabela 2 – Manuseamento dos objetos	37
Tabela 3 – Interação entre pares	41
Tabela 4 – Implicação	44
Tabela 5 – Análise das Narrativas de aprendizagem	46

INTRODUÇÃO

A ação pedagógica com crianças entre os zero e os três anos implica que o adulto reconheça e apoie “(...) as formas particulares com que a criança desta idade interage com o mundo físico e social e como constrói conhecimento” (Araújo, 2013, p.52). Nos primeiros anos, é através dos sentidos e do movimento do corpo que as crianças recolhem informação, comunicam e aprendem, sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. A exploração do que as rodeia é uma necessidade intrínseca, que o adulto deve respeitar e apoiar, proporcionando tempo, espaço e materiais adequados, que as desafiem e ampliem as suas experiências (Post & Hohmann, 2011).

No decorrer do estágio em contexto de creche, a observação do grupo permitiu comprovar o ímpeto exploratório das crianças, evidenciando também a “(...) tendência comum nestas idades para uma atenção superficial aos objetos, com mudanças rápidas relativamente ao foco de interesse” (Araújo, 2013, p.55). Contudo, geralmente a sua atenção prolongava-se quando exploravam materiais não estruturados. Assim, como parte da intervenção nesse contexto, implementou-se o Cesto dos Tesouros, uma proposta de brincar heurístico que potencia a atividade espontânea das crianças, reunindo uma diversidade de materiais não estruturados, apelativos aos vários sentidos, e criando oportunidade para que as crianças os explorem de forma autónoma.

A dificuldade em encontrar informação sobre o tema, particularmente no que diz respeito a experiências em Portugal, levou a que se considerasse pertinente a realização deste estudo, cuja principal intenção, para além da partilha de conhecimento, era compreender, através da observação e análise dos momentos de exploração, de que forma é que o Cesto dos Tesouros, enquanto proposta pedagógica para a creche, pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Em termos de estrutura, o presente relatório encontra-se dividido em cinco capítulos. O primeiro abrange o enquadramento teórico da temática em estudo, começando por abordar a organização do espaço e materiais em creche e a sua influência na ação das crianças, apresentando depois o conceito

de brincar heurístico e explicando de forma detalhada o que é o Cesto dos Tesouros e como se organiza esta proposta. No segundo capítulo é feita uma breve caracterização da instituição e do grupo de estágio, incluindo aspetos como a organização da sala de atividades, o número de crianças, os seus interesses, entre outros. No terceiro capítulo é apresentado o estudo realizado, sendo referida a questão de partida e os objetivos definidos, bem como os instrumentos de recolha de dados utilizados e os procedimentos adotados. No quarto capítulo são então apresentados e interpretados os dados recolhidos durante as sessões de Cesto dos Tesouros, sendo também analisadas as Narrativas de aprendizagem elaboradas. Por último, no quinto capítulo são expostas as considerações finais, referindo as potencialidades e limitações do estudo, assim como o seu impacto a nível pessoal e profissional.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Organização do Espaço e Materiais em Creche

O espaço, enquanto dimensão integrante do ambiente educativo, constitui um recurso para o desenvolvimento curricular, na medida em que a sua organização

“(...) pode promover ou restringir o jogo da criança e as suas interações com os outros, pode facilitar ou não a sua autonomia e as rotinas, os momentos de aconchego, de conforto e bem-estar estético (...) pode facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar autonomia e relações interpessoais positivas.” (Portugal, 2012, p.12).

Nesse sentido, o educador de infância deve planejar a organização do espaço e dos materiais com intencionalidade, uma vez que as opções tomadas nesse âmbito influenciam as ações e as experiências das crianças e refletem as concepções e valores subjacentes à sua prática pedagógica, isto é, revelam “(...) o papel que é atribuído à criança no seu próprio processo de desenvolvimento, as escolhas relativas à aprendizagem e àquilo que se pensa ser importante as crianças aprenderem” (Coelho, 2004, p.116). Logo, a organização do espaço e dos materiais assume diferentes configurações consoante a perspetiva pedagógica adotada pelo educador. Contudo, existem alguns aspetos que devem ser considerados transversalmente, no sentido de garantir a qualidade do contexto, o que passa pela criação de “(...) espaços estimulantes, responsivos, confortáveis e promotores de autonomia (...)” (Portugal, 2011, p.58).

Uma vez que tanto as crianças como os adultos passam a maior parte do seu dia na creche, é importante que o espaço respeite e acomode as necessidades de ambos, garantindo o bem-estar físico e psicológico de todos. Por um lado, deve existir preocupação com a saúde e segurança das crianças, no sentido de assegurar a resposta adequada às suas necessidades básicas e

evitar potenciais perigos, como sejam cantos pontiagudos, tomadas, materiais tóxicos, entre outros, mas sem que isso implique um ambiente demasiado protetor, que restrinja o movimento e a exploração (Araújo, 2013; Portugal, 2011). O que se pretende é um espaço que ofereça amplas oportunidades para a aprendizagem e desenvolvimento, em que “bebés e crianças são livres de se movimentar, explorar materiais, exercitar a criatividade e resolver problemas dentro dos seus limites” (Post & Hohmann, 2011, p.15), sem que seja posta em causa a sua segurança, tanto física como emocional.

Por outro lado, também o conforto influencia o bem-estar das crianças e dos adultos, devendo privilegiar-se a construção de um espaço responsivo a essa necessidade, que seja acolhedor, caloroso e esteticamente agradável (Portugal, 2011). Tal implica que se tenha em consideração uma diversidade de aspetos, como a escolha de texturas macias, cores e luzes suaves, entre outros, sendo de destacar a importância de integrar mobiliário à medida das crianças e também dos adultos, aliando ao conforto de todos o sentimento de pertença e a autonomia das crianças, bem como a funcionalidade e conveniência necessárias à prática pedagógica do educador (Araújo, 2013; Post & Hohmann, 2011). Adicionalmente, também é importante criar recantos mais calmos e reservados, com almofadas, um colchão ou outros elementos, onde as crianças possam estar sozinhas e “(...) descansar, olhar, ou recarregar as “baterias” em termos emocionais” (Torelli, 1992, citado em Post & Hohmann, 2011, p.104), podendo também ser o local indicado para brincadeiras a pares ou para o adulto confortar uma criança e interagir com ela de forma individual (Portugal, 2011; Post & Hohmann, 2011).

Para além das questões já referidas, criar um espaço estimulante e responsivo implica que este seja organizado, consistente e, simultaneamente, flexível, “(...) para responder de forma adequada aos interesses em mutação das crianças, promover as suas escolhas e ajudá-las a ganhar um sentido de controlo sobre o seu mundo imediato” (Araújo, 2013, p.32). Para tal, cabe ao educador observar continuamente as crianças e, em conformidade com as necessidades e interesses que identifica e com a sua intencionalidade

educativa, reanalisar e reconfigurar o espaço e os materiais ao longo do tempo, proporcionando novos desafios, mas mantendo sempre alguma consistência e garantindo que as crianças têm fácil acesso aos materiais (Araújo, 2013; Post & Hohmann, 2011).

Abordando mais especificamente os materiais, é fundamental que também estes sejam pensados e escolhidos com intencionalidade, atendendo às suas potencialidades e garantindo que “(...) criem oportunidades, sejam responsivos às diferenças, às motivações, aos ritmos, a cada identidade e ao grupo (...) responsivos à pluralidade de experiências que se deseja que a criança possa viver” (Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013, p.17). Nesse sentido, há que considerar que nos primeiros três anos de vida as crianças são aprendizes sensoriomotores, isto é, exploram o que as rodeia e constroem significados através dos cinco sentidos e da ação física (Post & Hohmann, 2011) e, como tal, os materiais devem ter um elevado apelo sensorial e apoiar a necessidade intrínseca de exploração das crianças, possibilitando uma multiplicidade de experiências e desafios (Araújo, 2013). Tendo isso em mente, é importante disponibilizar uma grande variedade de materiais não estruturados, cuja utilização não se limita a um objetivo predeterminado, pelo contrário, são materiais versáteis, que possibilitam inúmeras explorações, de acordo com os interesses, intenções e competências das crianças, estimulando a sua imaginação e criatividade (Post & Hohmann, 2011). Tal não significa que outro tipo de brinquedos e materiais mais estruturados não sejam importantes e não devam ser incluídos. Cabe ao educador refletir sobre as potencialidades de cada objeto e encontrar um bom equilíbrio entre materiais estruturados e não estruturados, garantindo variedade do ponto de vista sensorial e das experiências proporcionadas.

Apesar de até aqui se ter focado principalmente a organização do espaço interior, também o exterior tem de ser considerado na construção do currículo em creche, dado que ao ar livre, em contacto com diferentes elementos da natureza, “(...) as crianças encontram, naturalmente, desafios que se situam no prolongamento das suas capacidades e realizam descobertas

insuspeitáveis e sempre renovadas (...)” (Portugal, 2012, p.12), pois as oportunidades de exploração sensoriomotora a que têm acesso são infinitas (Post & Hohmann, 2011). Enquanto espaço pedagógico, também o exterior deve ser intencionalmente planeado em função das necessidades e interesses das crianças, sendo fundamental a “(...) observação atenta por parte do adulto e a consequente introdução de objetos, materiais, estruturas ou desafios que possam enriquecer, expandir e complexificar a ação” (Bento & Portugal, 2016, p.92).

2. Brincar Heurístico

Brincar é amplamente aceite como a atividade natural e predominante na infância, uma necessidade intrínseca e um direito da criança, que assume diferentes modalidades e configurações no decorrer do desenvolvimento infantil. Nos primeiros anos, brincar está intimamente relacionado com a curiosidade natural das crianças pela exploração e apropriação do que as rodeia (Cardoso, 2012; Oliveira, Braz, Salomão & Melo, 2015). Como forma de potenciar essa atividade espontânea surge o brincar heurístico, abordagem desenvolvida por Elinor Goldschmied e Sonia Jackson, através da elaboração de duas propostas, o Cesto dos Tesouros e o Jogo Heurístico com Objetos, direcionadas para momentos diferentes do desenvolvimento da criança, mas com base no mesmo conceito.

O termo heurístico deriva do grego *eurisko*, que significa “aquilo que serve para descobrir ou alcançar o conhecimento de...” (Araújo, 2013, p.55), o que, de acordo com Goldschmied e Jackson (2000), é precisamente o que as crianças fazem de forma espontânea, sem necessitarem da orientação do adulto, quando têm à sua disposição materiais que possam explorar. Assim, o brincar heurístico consiste no brincar exploratório, livre e espontâneo, em que a criança descobre por si mesma, por meio da manipulação e experimentação,

como se comportam os objetos, o que consegue, ou não, fazer com eles (Goldschmied & Jackson, 2000; Meirelles, 2016). Para tal, é necessário oferecer-lhes uma ampla variedade de objetos não estruturados, isto é, “(...) cujo uso não está predeterminado ou estritamente limitado a uma acção ou um objectivo; pelo contrário, podem ser usados pelas crianças de diferentes maneiras” (Post & Hohmann, 2011, p.115), possibilitando, assim, diversas experiências e descobertas.

O brincar heurístico implica uma visão de criança como ser ativo e competente, a quem é proporcionada autonomia para tomar decisões sobre o que pretende fazer, de acordo com os seus interesses e intenções, sem interferência do adulto (Goldschmied & Jackson, 2000). Este é um aspeto que contribui para a relevância desta abordagem, uma vez que, segundo Emmi Pikler (s.d., citado em Meirelles, 2016, p.19), “uma criança que consegue as coisas através da experimentação independente adquire um tipo de conhecimento completamente diferente daquela criança a qual se oferecem soluções já prontas”, pois, ao agir de acordo com as suas decisões, a criança encontra “(...) uma forma pessoal de estruturar e organizar as informações sobre o mundo” (Fochi, 2013, p.140).

3. Cesto dos Tesouros

O Cesto dos Tesouros é uma proposta de exploração, desenvolvida com o intuito de fomentar o brincar e a aprendizagem dos bebés, respondendo à sua curiosidade e motivação para explorar, isto é, potenciando a sua atividade espontânea (Goldschmied & Jackson, 2000; Majem & Òdena, 2010). Esta proposta pode ser implementada a partir do momento em que as crianças se conseguem sentar sem apoio, mas antes de se conseguirem deslocar,

“(…) fase em que se regista um desenvolvimento cerebral muito acentuado, que permite à criança estar cada vez mais preparada para receber, relacionar e utilizar informação proveniente do exterior, o que, conjuntamente com os movimentos corporais crescentemente complexos (...) permitem novas possibilidades do ponto de vista da exploração do ambiente.” (Araújo, 2013, p.53).

Nesse sentido, considerando que as crianças exploram o que as rodeia e aprendem através do tato, do olfato, da visão, da audição, do paladar e do movimento, o Cesto dos Tesouros reúne uma variedade de objetos do quotidiano, selecionados com o intuito de servirem de estímulo aos diversos sentidos, e cria oportunidade para as crianças se fixarem neles, assegurando momentos significativos de descoberta e aprendizagem (Goldschmied & Jackson, 2000).

Nenhum dos objetos escolhidos é um brinquedo, nem é feito de plástico, sendo dada primazia a objetos naturais ou feitos com materiais naturais e a objetos de madeira, metal, couro, têxteis, borracha, pele, papel ou cartão (Goldschmied & Jackson, 2000), com o propósito de “(...) ultrapassar a uniformidade e limitação ao nível da estimulação sensorial dos objetos de plástico” (Araújo, 2013, p.54). Assim, devem incluir-se objetos com uma ampla variedade de características apelativas aos sentidos, diferentes formas, pesos, texturas, cores, sabores, odores, sons, etc., mas sem esquecer os necessários cuidados de segurança e higiene, considerando a idade das crianças (Goldschmied & Jackson, 2000).

Como sugerido pelo nome da proposta, todos os objetos são colocados dentro de um cesto, devendo ser em número suficiente para o encher. Esse cesto, preferencialmente redondo, deve ser feito de material natural, ter o fundo plano e não ser muito alto, permitindo que as crianças sentadas ao seu redor consigam ver e alcançar todos os objetos. Para além disso, é importante que não tenha asas e seja suficientemente estável e resistente para que não

tombe se as crianças se apoiarem nele (Goldschmied & Jackson, 2000; Majem & Òdena, 2010).

Contudo, não se trata simplesmente de colocar os objetos dentro de um cesto e disponibilizá-lo às crianças, há outros aspetos que têm influência na qualidade da experiência proporcionada e que devem ser tidos em conta. Por um lado, não só é necessário preparar os materiais, como também o local onde decorrerá a exploração, que deve ser reservado, para evitar interferências externas, e não ter outros brinquedos ou objetos que possam ser uma distração. Por outro lado, também o número de crianças é relevante, devendo optar-se por um grupo reduzido, idealmente apenas três elementos, para que todos consigam estar confortavelmente sentados junto ao cesto e alcançar os objetos (Araújo, 2013; Goldschmied & Jackson, 2000).

Além disso, o Cesto dos Tesouros deve ser colocado junto das crianças sem qualquer referência do adulto que incite à ação. Encorajadas a explorar pela curiosidade que a diversidade de objetos suscita e sem intervenção do adulto, as crianças desempenham um papel ativo, dado que lhes é conferida autonomia e liberdade para explorarem os objetos de acordo com os seus interesses e ao seu próprio ritmo (Majem & Òdena, 2010).

Por conseguinte, a postura adotada pelo adulto no decorrer da exploração é de extrema importância, uma vez que é o fator determinante para que as crianças sejam efetivamente as protagonistas. Por essa razão, o papel a desempenhar pelo adulto será abordado em maior detalhe no ponto seguinte.

3.1. Papel do Adulto

Como se depreende do exposto anteriormente, cabe ao adulto proporcionar as condições necessárias para o Cesto dos Tesouros,

nomeadamente tempo, espaço e materiais adequados. No entanto, igualmente importante é a sua postura durante a exploração, uma vez que esta tem influência na ação das crianças.

Quando se deparam com o cesto repleto de objetos, possivelmente desconhecidos, as crianças podem sentir alguma ansiedade. É a presença atenta do adulto e a sua demonstração de interesse, através de um sorriso ou olhar encorajador, que lhes transmite a segurança e confiança de que necessitam para explorarem os objetos. Porém, tal não significa que o adulto deva oferecê-los às crianças ou incentivá-las a pegar neles, se tiverem oportunidade vão fazê-lo autonomamente (Goldschmied & Jackson, 2000; Majem & Òdena, 2010).

No decorrer da exploração, o adulto deve, então, estar sentado perto das crianças, mantendo uma postura atenta e tranquila, sem falar ou intervir, exceto se alguma criança demonstrar sinais de desconforto e necessitar de ser cuidada (Goldschmied & Jackson, 2000), pois “é importante evitar interferências e favorecer sempre a livre exploração, manipulação, concentração e atenção [das crianças]” (Majem & Òdena, 2010, p.7).

Todavia, também pode acontecer que alguma criança, pelo seu comportamento, demonstre que não quer brincar com os objetos do Cesto dos Tesouros naquele momento, o que deve ser respeitado pelo adulto, da mesma forma que deverá respeitar o ritmo de cada uma delas, pois se há crianças que rapidamente iniciam a sua exploração, outras precisam de tempo para se habituarem ao aspeto do cesto antes de começarem a brincar (Goldschmied & Jackson, 2000; Silva, 2016).

Ao adotar uma postura não interventiva, além de possibilitar que as crianças sejam autónomas, o adulto tem uma oportunidade privilegiada para observar intencionalmente cada uma das crianças e conhecer os seus interesses, preferências e progressos (Majem & Òdena, 2010). Assim, durante a exploração é importante que o adulto documente a atividade das crianças, através de filmagens, fotografias ou registos escritos, cuja análise irá

fundamentar a sua reflexão sobre a experiência proporcionada, bem como a planificação de novos momentos de exploração (Silva, 2016), uma vez que o Cesto dos Tesouros, segundo Goldschmied e Jackson (2000), “(...) deve cambiar y evolucionar constantemente” (p.94).

Nesse sentido, com base naquilo que observa, o adulto deve rever os objetos que compõem o cesto e determinar se devem ser mantidos, substituídos ou ampliados, garantindo que a exploração continua a ser desafiante para as crianças (Silva, 2016). No entanto, há que ter em consideração que os objetos não devem ser todos substituídos em simultâneo, pois “para as crianças, os objetos antigos serão os pontos de referência e os novos, um estímulo que os fará manter-se ativos, criativos e entretidos” (Majem & Òdena, 2010, p.10).

3.2. Desenvolvimento e Aprendizagem

No seguimento da explicação de como se organiza o Cesto dos Tesouros, é fundamental compreender de que forma esta proposta contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, realçando os aspetos que o adulto pode observar durante a exploração e que podem ser documentados.

O Cesto dos Tesouros, ao disponibilizar uma ampla gama de objetos, oferece inúmeras oportunidades para as crianças tomarem decisões, algo pouco frequente nesta idade, sendo observável a sua capacidade para selecionar, comparar e descartar objetos e, por vezes, voltar a um favorito (Goldschmied & Jackson, 2000; Majem & Òdena, 2010). Durante essa exploração, as interações das crianças com os objetos são diversas, observam-nos, tocam-lhes, colocam-nos na boca, agitam-nos, etc., tentando compreender o que são e o que podem fazer com eles. Através da manipulação, experimentam as diferentes propriedades dos objetos, “(...)

descubren el peso, el tamaño, las formas, la textura, el sonido y el olor (...)” (Goldschmied & Jackson, 2000, p.93), e, simultaneamente, desenvolvem a motricidade fina e grossa, bem como a coordenação olhos, mãos e boca.

Adicionalmente, é de destacar a influência desta proposta no desenvolvimento da capacidade de concentração das crianças, uma vez que a sua atenção aos objetos do cesto se pode prolongar durante longos períodos (Majem & Òdena, 2010). Segundo Goldschmied e Jackson (2000), tal deve-se a dois fatores, a curiosidade que a diversidade de objetos suscita nas crianças e o seu desejo de tomar posse, de forma independente, das coisas novas e atrativas que estão ao seu alcance.

Além das potencialidades já referidas, o Cesto dos Tesouros fomenta também a interação entre as crianças, que não só têm consciência da presença umas das outras, como comunicam enquanto exploram, “(...) através do contacto ocular, sorrisos ou sons pré-verbais (...)” (Araújo, 2013, p.54). Os bebés, contrariamente ao que se costuma pensar, demonstram interesse pelos seus pares, observam como exploram e tentam imitar ou criam a sua própria brincadeira com base nisso, o que, por vezes, resulta em disputas pela posse dos objetos. Apesar disso, a partilha do conteúdo do cesto possibilita que as crianças estabeleçam interações entre si e comecem a brincar em conjunto (Goldschmied & Jackson, 2000; Majem & Òdena, 2010; Silva, 2016).

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DO ESTUDO

1. Caracterização da Instituição

A Instituição onde foi desenvolvido o presente estudo é uma Instituição Particular de Solidariedade Social de índole católica, localizada na cidade de Coimbra, que tem as valências de creche e jardim de infância, bem como um centro de atividades de tempos livres, sendo frequentada por crianças entre os 4 meses e os 12 anos. Relativamente à creche, existem seis grupos, dois de berçário (dos 4 aos 12 meses), dois grupos de aquisição de marcha (dos 12 aos 24 meses) e dois grupos dos 24 aos 36 meses. As crianças do jardim de infância, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, encontram-se distribuídas por quatro grupos heterogéneos. No caso do centro de atividades de tempos livres, destinado a crianças entre os 6 e os 12 anos, não existe divisão por grupos.

Em termos de instalações, a Instituição é de grande dimensão, tendo espaços e recursos comuns às diferentes respostas sociais, como o refeitório, os salões polivalentes, a sala de música, a biblioteca, entre outros, bem como alguns específicos para cada uma delas, atendendo às características e necessidades de cada faixa etária. Considerando o âmbito do estudo, é relevante descrever de forma mais detalhada a sala do grupo de creche que nele participou.

Relativamente à disposição do espaço, a educadora optou por colocar os móveis junto das paredes, deixando a área central da sala desimpedida, possibilitando maior liberdade de movimentos. Nessa área existia apenas um tapete, onde normalmente tinham lugar os momentos de grande grupo, junto do qual estava afixado um espelho ao nível das crianças. A sala tinha também uma mesa, com cadeiras e sofás de tamanho adequado, e algumas espreguiçadeiras. Os diversos brinquedos e materiais eram arrumados em estantes com prateleiras a que as crianças conseguiam aceder autonomamente, com exceção dos livros, aos quais apenas tinham acesso visual, pois eram mantidos em cima de um móvel. Na sua maioria, os objetos

existentes eram estruturados, brinquedos teoricamente adequados à faixa etária, mas com uma utilização limitada, ao contrário de uma pequena seleção de objetos do quotidiano, que possibilitavam explorações múltiplas, uma vez que não tinham um uso predeterminado.

Segundo o Projeto Educativo da Instituição, as práticas pedagógicas adotadas baseiam-se na convergência de diferente pedagogias que se complementam, todas de teor construtivista, defendendo que a criança deve ter um papel ativo na construção do seu conhecimento. Nesse sentido, algumas das referências teóricas mencionadas no documento são o Movimento Escola Moderna, a Pedagogia de Projeto e os modelos HighScope e Reggio Emilia. Adicionalmente, na sua ação pedagógica os educadores têm também em consideração as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e, no caso específico da creche, o Modelo de Avaliação da Qualidade da Resposta Social de Creche e o respetivo Manual de Processos-Chave.

2. Caracterização do Grupo

O grupo com o qual se realizou o estudo era constituído por 10 crianças, 3 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, nascidas entre junho de 2018 e janeiro de 2019. A disparidade de idades entre as crianças, que tinham entre 8 e 15 meses no início do ano letivo, refletia-se nas diferentes fases de desenvolvimento em que se encontravam e, consequentemente, nas suas competências, necessidades e interesses, implicando algumas adaptações por parte da educadora, principalmente ao nível da organização do espaço e do estabelecimento de rotinas.

Todas as crianças frequentavam pela primeira vez um contexto de cuidados e educação extrafamiliar, ao qual se adaptaram com relativa facilidade, tendo estabelecido relações afetivas e de confiança com os adultos de referência, a educadora e a auxiliar. Em geral, o grupo reagia bem à

presença de outros adultos, com exceção de uma criança, que demonstrava alguma dificuldade em lidar com situações novas e necessitava de mais tempo para se ambientar, recorrendo ao apoio e conforto dos adultos de referência.

Através da interação com as crianças e, principalmente, da observação atenta das suas brincadeiras, foi possível identificar alguns interesses comuns no grupo, em particular pelos materiais não estruturados. Geralmente, ao brincarem livremente com os objetos disponíveis na sala, as crianças rapidamente passavam de um para o outro, espalhando-os pelo espaço, por vezes sem demonstrar verdadeiro interesse pelo que estavam a fazer. Contudo, tal não acontecia quando brincavam com materiais não estruturados, que captavam a sua atenção durante mais tempo, motivando explorações diversificadas e demoradas, durante as quais havia momentos de elevada concentração, em que as crianças estavam unicamente focadas naquilo que estavam a fazer, não se distraíndo com estímulos externos. No entanto, na sala existiam poucos materiais não estruturados, o que acabava por limitar a experiência das crianças com este tipo de exploração, tanto pela reduzida quantidade de objetos, como pela falta de variedade entre eles.

CAPÍTULO III – APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

1. Questão de Partida e Objetivos

Ao perceber o interesse das crianças pela exploração de materiais não estruturados, cuja presença na sala era reduzida, considerou-se pertinente ampliar a sua experiência com esse tipo de materiais, nomeadamente através do Cesto dos Tesouros. Apesar de já todas as crianças gatinharem e quatro já terem adquirido a marcha, tendo em conta outras vertentes do seu desenvolvimento e as suas experiências prévias, esta foi considerada a proposta mais adequada às características do grupo.

No seguimento dessa decisão, surgiu a questão de partida para o presente estudo: “De que forma é que o Cesto dos Tesouros pode potenciar experiências de aprendizagem diversificadas e contribuir para o desenvolvimento das crianças?”. Com o propósito de dar resposta a essa questão foram definidos os seguintes objetivos:

- Compreender como as crianças exploram os objetos do Cesto dos Tesouros;
- Avaliar a sua implicação durante a exploração;
- Compreender que interações surgem entre as crianças.

2. Instrumentos de Recolha de Dados

Considerando os objetivos do estudo, foram utilizados vários instrumentos de recolha de dados. Durante as sessões de Cesto dos Tesouros recorreu-se à filmagem e ao registo fotográfico, no sentido de coletar os dados de forma mais detalhada e possibilitar a sua revisão e análise com diferentes focos e objetivos. Assim, realizou-se a filmagem integral de todas as sessões, colocando uma câmara num ponto fixo da sala, bem como o registo

fotográfico das ações das crianças que se consideraram relevantes, do ponto de vista do seu desenvolvimento e aprendizagem.

Um outro instrumento utilizado foram as Narrativas de aprendizagem, que permitiram a análise do desenvolvimento de cada criança, com base na exploração do Cesto dos Tesouros, a comunicação com os pais e a recolha da sua perspetiva relativamente à experiência relatada. As Narrativas de aprendizagem são um instrumento de avaliação, cujo intuito é descrever o processo de aprendizagem da criança, sendo simultaneamente uma forma de o documentar e tornar visível. As Narrativas têm sempre um teor positivo, realçando as forças e os interesses das crianças, enquanto aprendizes competentes. Partilhá-las com os pais, pedindo o seu feedback, é uma forma de os envolver na aprendizagem das crianças e de estabelecer uma ligação entre a creche e o contexto familiar (Carr & Lee, 2012; Pack, 2015).

3. Procedimentos de Recolha dos Dados

Antes de iniciar a recolha de dados, foi necessário proceder à revisão de literatura sobre o Cesto dos Tesouros, no sentido de compreender a proposta, como deve ser implementada e, principalmente, quais os princípios que lhe são subjacentes. Tendo compreendido a importância do papel do adulto, houve necessidade de elaborar um documento que explicasse a postura que este deve adotar durante a exploração (apêndice I), que foi partilhado com os outros adultos que estariam presentes, pois este seria o seu primeiro contacto com o Cesto dos Tesouros. Simultaneamente, foi também necessário dar a conhecer às famílias o estudo que se pretendia realizar e pedir a sua autorização para a recolha de dados, o que foi feito através de um consentimento informado (apêndice II).

Seguidamente, iniciou-se a preparação das sessões, o que implicou algumas adaptações à proposta, em virtude do contexto e dos recursos

disponíveis no momento. Realizaram-se três sessões de Cesto dos Tesouros, uma por semana, sem um dia fixo, mas sempre no período da manhã, pois verificou-se que esta era a altura do dia em que as crianças estavam mais recetivas à proposta. Relativamente à duração das sessões, esta era determinada pelo interesse demonstrado por cada grupo, tendo variado entre os 15 e os 20 minutos, aproximadamente. Para cada uma das sessões foi organizado um cesto, cujos objetos eram selecionados de acordo com um critério específico, sem esquecer a necessidade de garantir diversidade do ponto de vista sensorial e tendo em consideração as observações que iam sendo feitas. Assim, o primeiro cesto tinha objetos do quotidiano, com os quais as crianças poderiam já ter contactado em casa e/ou na creche, como alguns utensílios de cozinha, rolos de cartão, entre outros (imagem 1). O critério definido para o segundo cesto era incluir unicamente elementos da natureza, mas, após observar na primeira sessão o interesse das crianças em pôr e tirar objetos de latas, optou-se por incluir também alguns recipientes (imagem 2). Para o último cesto, foram selecionados objetos que permitiriam ampliar a exploração sonora, que tinha sido identificada como um dos principais interesses das crianças, mas que possibilitassem simultaneamente outras explorações, tendo sido maioritariamente incluídos objetos de metal e madeira, bem como alguns elementos da natureza (imagem 3).



Imagem 1 – Objetos do primeiro cesto. Fonte própria.



Imagem 2 – Objetos do segundo cesto. Fonte própria.



Imagem 3 – Objetos do terceiro cesto. Fonte própria.

O local escolhido para as sessões de Cesto dos Tesouros foi a sala de atividades, que era previamente reorganizada para evitar que os brinquedos presentes constituíssem uma distração para as crianças, sendo para isso colocados no topo das estantes e nas prateleiras mais altas, fora do seu alcance. Após a organização do espaço e posicionamento da câmara para filmar, o grupo era dividido aleatoriamente, ficando na sala apenas três ou quatro crianças para explorar, enquanto as restantes iam com um adulto para outro local da instituição, havendo depois uma troca de grupos. O cesto era, então, colocado no centro do tapete, sem qualquer referência ou incentivo por parte dos adultos, que adotavam uma postura não interventiva, observando as crianças e fazendo o registo fotográfico das suas explorações.

Com base no que foi observado e nos registos fotográficos recolhidos durante as sessões de Cesto dos Tesouros, foram elaboradas as Narrativas de aprendizagem, começando pela seleção de uma sequência de fotografias significativa em termos de desenvolvimento de competências, à qual se acrescentou uma breve descrição da situação representada, bem como a explicação do significado dessa experiência, com base nas Cinco disposições-chave para a aprendizagem definidas no currículo Neozelandês Te Whāriki: pertença, bem-estar, exploração, comunicação e contribuição (Carr & Lee, 2012). Para além disso, referiram-se estratégias que poderiam ser utilizadas no futuro para ampliar a experiência. Na fase seguinte, as Narrativas de aprendizagem foram entregues à Educadora Cooperante, para que esta pudesse dar o seu feedback em relação ao processo de aprendizagem, evidenciando o seu significado, sendo posteriormente partilhadas com os pais, solicitando-lhes que fizessem também um comentário alusivo à experiência retratada.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Considerando os objetivos definidos para o estudo, a análise dos dados foi feita tendo em conta aspetos como as escolhas e interesses das crianças, os seus movimentos e ações, a sua concentração e as interações que surgiram entre elas. Nesse sentido, os vídeos foram analisados sob diferentes perspetivas, originando quatro categorias de análise: autonomia, manuseamento dos objetos, interação entre pares e implicação. Para cada uma das categorias foi elaborada uma tabela de observação com vários indicadores, não com o intuito de quantificar o número de vezes que se observava cada um deles, mas sim para compreender se se verificavam e de que forma, refletindo posteriormente sobre o significado dessas observações.

Relativamente às Narrativas de aprendizagem, foi elaborada uma tabela onde constam os títulos e as ações que foi possível observar em cada uma delas, bem como as características da aprendizagem correspondentes. Adicionalmente, foram analisados os comentários feitos pela Educadora Cooperante e pelos pais, no sentido de compreender a sua perspetiva relativamente à experiência vivida pelas crianças.

Apresenta-se a seguir a análise dos dados recolhidos através dos vídeos, nas quatro categorias já mencionadas, e das Narrativas de aprendizagem, bem como as conclusões a que se chegou.

1. Autonomia

Um dos aspetos mais importantes do Cesto dos Tesouros, como abordado previamente, é a postura não interventiva do adulto. Ao evitar qualquer tipo de interferência, o adulto dá espaço às crianças para que sejam autónomas, tenham iniciativa e tomem decisões, de acordo com os seus interesses e seguindo o seu próprio ritmo. Como mencionado por Goldschmied e Jackson (2000), é possível observar a autonomia das crianças quando tomam a iniciativa de se dirigirem ao cesto e decidem que objetos querem ou não

explorar e como querem fazê-lo, sem qualquer indicação por parte do adulto. Com base nessa referência, definiram-se os quatro indicadores de autonomia a observar: Dirigir-se ao cesto/aos objetos; Selecionar objetos para explorar; Descartar objetos que não lhe interessam; Manifestar preferência por um objeto.

Na Tabela 1 apresentam-se os indicadores relativos à autonomia observados na exploração dos Cestos.

Indicadores	1º Cesto	2º Cesto	3º Cesto
Dirigir-se ao cesto/ aos objetos	X	X	X
Selecionar objetos para explorar	X	X	X
Descartar objetos que não lhe interessam	X	X	X
Manifestar preferência por um objeto		X	

Tabela 1 – Autonomia

Como se conclui a partir destes dados, em todas as sessões de Cesto dos Tesouros foi possível observar as crianças a serem autónomas e a tomarem decisões. Ainda assim, foi possível observar diferentes reações. Motivadas pela curiosidade, algumas crianças dirigiram-se imediatamente ao cesto e selecionaram objetos para explorar, enquanto outras ficaram algum tempo a observar o cesto e o que faziam os seus pares antes de iniciarem a sua própria exploração, necessitando de mais tempo para se familiarizarem com a situação. Importa realçar a postura dos adultos presentes, que respeitaram o ritmo de cada criança sem interferir, respeitando também quando a L., após observar o conteúdo do cesto, decidiu afastar-se e ficar noutro local da sala, não a incentivando a explorar os objetos.

No decorrer de cada sessão, as crianças dirigiam-se várias vezes ao cesto ou aos objetos, que, entretanto, tinham sido espalhados no chão, e selecionavam o que lhes interessava e queriam explorar. Esse processo implicava que fossem descartando outros objetos. Em alguns casos faziam-no automaticamente, sem os explorar, pois não lhes despertavam interesse, por exemplo, quando o A. começou a tirar objetos do cesto e a colocá-los no chão, continuando até encontrar uma colher de pau que lhe interessou. Noutros casos, o objeto selecionado apenas era descartado após ser explorado, de forma breve ou mais demorada, porque deixava de ter interesse para a criança ou porque outro estímulo tinha captado a sua atenção. Por vezes revisitavam objetos já explorados, mas apenas uma criança demonstrou uma clara preferência, dado que esteve praticamente toda a sessão a brincar com as latas, ainda que com algumas interrupções, em que fazia outras explorações ou observava os colegas, regressando depois àqueles objetos.

A observação e análise destes indicadores tornou claro que as crianças, desde cedo, são perfeitamente capazes de tomar decisões, mesmo perante uma grande quantidade de objetos, que não as confunde, pelo contrário, dá-lhes múltiplas oportunidades para selecionar, comparar e descartar, de acordo com os seus interesses e sem necessitarem da orientação de um adulto (Goldschmied & Jackson, 2000). Contudo, há um outro aspeto que se tornou evidente ao analisar os dados e que deve ser realçado, nomeadamente, que a atividade autónoma só se verifica quando as crianças se sentem seguras, o que remete para a postura do adulto. Algumas crianças apenas precisam de um olhar ou sorriso, de saber que o adulto está presente, mas outras precisam de um pouco mais de apoio, principalmente numa situação desconhecida. Por exemplo, o G., após uma primeira aproximação do Cesto, foi sentar-se ao colo do adulto, ficando algum tempo junto deste a observar as outras crianças, antes de se juntar a elas e explorar os objetos. Assim, ainda que não deva interferir, a presença atenta e disponível do adulto é fundamental, pois transmite à criança a confiança de que necessita para agir autonomamente.

2. Manuseamento dos Objetos

Observar as ações das crianças e a forma como manuseiam os objetos durante a exploração permite ao adulto conhecê-las e compreender como aprendem e o que aprendem. Nesse sentido, foi construída uma tabela de observação (Tabela 2), cujos indicadores foram selecionados com base no que seria expectável na fase de desenvolvimento em que se encontravam as crianças, considerando o que se conhecia do grupo, bem como as observações feitas no decorrer das sessões. Assim, definiram-se oito indicadores: Levar objetos à boca; Transferir o objeto de uma mão para a outra; Agarrar objetos entre o polegar e o indicador; Bater com os objetos uns nos outros; Colocar objetos dentro de recipientes e/ou retirá-los; Tapar/destapar recipientes; Fazer os objetos rolar; Realizar movimentos/ações repetidamente.

Ao observar as crianças, mais do que avaliar as competências adquiridas, o que conseguem ou não fazer, é importante compreender os seus objetivos e intenções, o que exploram e como, ou seja, compreender o seu processo de aprendizagem.

Indicadores	1º Cesto	2º Cesto	3º Cesto
Levar objetos à boca	X	X	X
Transferir o objeto de uma mão para a outra	X	X	X
Agarrar objetos entre o polegar e o indicador	X	X	
Bater com os objetos uns nos outros	X	X	X

Colocar objetos dentro de recipientes e/ou retirá-los	X	X	X
Tapar/destapar recipientes	X		X
Fazer os objetos rolar	X	X	X
Realizar movimentos/ações repetidamente	X	X	X

Tabela 2 – Manuseamento dos objetos

Após selecionar um objeto, uma das primeiras explorações que a maioria das crianças fazia, além do toque, era levá-lo à boca. Com alguns objetos esta exploração era breve, mas com outros era mais demorada e, por vezes, revisitada, como no caso do A., que explorou oralmente uma pedra rugosa durante bastante tempo e várias vezes no decorrer da sessão. Apesar de se verificar que todas as crianças levavam os objetos à boca para os explorar, no decorrer do desenvolvimento essa necessidade vai diminuindo e foi possível observar que apenas para o C., com 10 meses, esta era ainda a principal forma de exploração.

Ao levar os objetos à boca, além de se apropriarem das características destes, as crianças desenvolvem a coordenação olhos, mãos e boca. Como referido previamente, a exploração livre de objetos contribui para o desenvolvimento da motricidade fina e da coordenação, também observado na transferência do objeto de uma mão para a outra e no movimento de o agarrar entre o polegar e o indicador. Relativamente à transferência de uma mão para a outra, verificou-se que as crianças já o faziam com destreza e, por isso, este era um movimento que passava um pouco despercebido. Contudo, foi possível observar que o faziam com diferentes objetivos, por exemplo, para pegar noutra parte do objeto, para o observarem noutra perspetiva, para

agarrarem num segundo objeto ou, no caso da C., que tinha um tacho de um lado e uma lata do outro, transferia uma colher de pau de mão para bater com esta num ou noutro objeto.

Quanto ao movimento de agarrar um objeto entre o polegar e o indicador, este é bastante mais preciso e, como tal, revelou-se difícil de observar através dos vídeos. Ainda assim, e tendo também consciência de que esta é uma competência mais complexa e que, por isso, se desenvolve mais tarde, foi possível registar duas situações em que se verificou a realização desse movimento, nomeadamente o G. a pegar numa tampa de frasco e o A. a arrancar um pedaço de uma pinha. Além disso, observaram-se também algumas tentativas por parte de outras crianças de agarrar objetos entre o polegar e o indicador, por exemplo, quando o H. tentou agarrar num pequeno pedaço de folha, demonstrando como a exploração livre contribui para o desenvolvimento desta competência.

Depois de se familiarizarem com os objetos e suas características, as crianças começaram a tentar perceber o que podiam fazer com eles e a conjugá-los de diferentes formas. Frequentemente, tal envolvia bater com os objetos uns nos outros e, em certos casos, no cesto ou mesmo no chão, explorando assim o seu potencial sonoro. Nesse processo, algumas crianças experimentaram distintas combinações de objetos, comparando os sons produzidos, como o G., que tinha numa mão um utensílio de madeira e na outra um de metal e batia alternadamente com um e com outro numa lata, ou o H., que com uma concha batia alternadamente numa pedra e numa laranja, produzindo som quando batia no primeiro objeto, mas não quando batia no segundo. A produção de som, também conseguida quando agitavam uma lata contendo objetos, era muitas vezes acompanhada por expressões faciais de alegria e prazer e, em alguns casos, por sons pré-verbais, demonstrando o interesse do grupo por esta exploração, razão pela qual o terceiro cesto visava ampliá-la.

Uma outra forma de exploração, observada com frequência, consistia em colocar objetos dentro de recipientes e/ou retirá-los. Ainda que muitas vezes as crianças realizassem apenas uma dessas ações, com diferentes intuítos, em alguns casos o seu interesse era a sequência de colocar o(s) objeto(s) dentro de um recipiente e depois retirá-lo(s). Por exemplo, o A. colocou alguns objetos dentro de um cesto pequeno e virou-o ao contrário para o esvaziar, repetindo esse processo várias vezes. Ao dedicarem-se a esta exploração, as crianças experimentaram as noções de “dentro” e “fora”, “cheio” e “vazio” e perceberam que nem todos os objetos cabiam dentro do recipiente escolhido, desenvolvendo a sua compreensão de espaço (Post & Hohmann, 2011).

Porém, a exploração dos recipientes não se resumiu a pôr e tirar objetos do seu interior, incluiu também tapá-los e destapá-los, ocorrendo por vezes a combinação de ambas as ações, como quando o L. destapou o tacho, colocou tampas de frasco lá dentro e voltou a tapá-lo. Um outro exemplo a destacar é o do A., que encontrou no cesto uma tampa e rapidamente percebeu a que lata correspondia, levantando-se e dirigindo-se a esta, que estava noutro local da sala, para a fechar. Pelo contrário, numa das sessões o J. tentou tapar uma lata com a tampa do tacho, percebendo que esta não correspondia. É também de referir que a ação de encaixar a tampa para fechar o recipiente se revelou difícil para algumas crianças, tendo sido observado esforço e persistência da sua parte para atingir esse objetivo.

Algumas das descobertas que as crianças fizeram durante a exploração, como o facto de alguns objetos rolares, resultaram de ações casuais que eram depois reproduzidas intencionalmente. Quando viam um objeto rolar observavam-no com atenção e tentavam, em alguns casos, que esse movimento se repetisse. Por exemplo, ao ver o tacho cair da mesa e rolar, o L. aproximou-se e empurrou-o várias vezes para que rolasse novamente. Também o G., após atirar uma laranja ao chão, percebeu que esta rolava e voltou a atirá-la, fazendo mais tarde o mesmo com os restantes frutos incluídos no cesto.

Relativamente à realização de movimentos/ações repetidamente, já mencionada em alguns dos exemplos apresentados, foi possível observar que era algo recorrente e que todas as crianças o faziam intencionalmente. Estar atenta a este aspeto contribuiu para a compreensão do seu processo de aprendizagem, pois tornou-se evidente que a repetição é a sua forma de consolidar descobertas e construir conhecimento e, como tal, é crucial dar tempo e respeitar o ritmo das crianças, mesmo que decidam passar toda a sessão a repetir a mesma ação.

3. Interação entre Pares

A proposta do Cesto dos Tesouros, pela forma como se organiza, constitui um contexto facilitador da interação entre crianças, que não tem de ser necessariamente verbal. As interações nesta fase, por vezes subtis, podem ser diversas, incluindo a troca de olhares e sorrisos, a observação e imitação da ação do outro, a disputa por um objeto ou a sua exploração em conjunto, entre outros comportamentos que demonstram o interesse pelos pares. Assim, foi construída uma tabela de observação, com o propósito de compreender que formas de interação entre crianças ocorreram durante a exploração. Neste caso, definiram-se cinco indicadores de interação: Observar as outras crianças; Imitar as ações de outra criança; Mostrar um objeto a outra criança; Tirar um objeto a outra criança; Explorar objetos em conjunto (Tabela 3).

Indicadores	1º Cesto	2º Cesto	3º Cesto
Observar as outras crianças	X	X	X
Imitar as ações de outra criança	X		X

Mostrar um objeto a outra criança	X	X	X
Tirar um objeto a outra criança	X	X	X
Explorar objetos em conjunto	X	X	

Tabela 3 – Interação entre pares

Ao analisar as sessões do Cesto dos Tesouros tornou-se evidente que a exploração das crianças era maioritariamente solitária, sendo os objetos o principal foco. Contudo, a presença das outras crianças não passava despercebida, despertando interesse, principalmente se as suas ações envolvessem a produção de som, e era frequente ficarem a observá-las, atentas ao que exploravam e como. Por vezes, as crianças também procuravam interagir com os pares através de sons pré-verbais e/ou da exibição de um objeto, por exemplo, quando o S., segurando uma colher de pau, esticou o braço na direção do C. e gritou para chamar a sua atenção, este aproximou-se e o S. mostrou-lhe novamente o objeto. No entanto, é de referir que a exibição de um objeto, enquanto forma de comunicação, era mais comum quando queriam interagir com o adulto e não tanto entre pares.

Ocasionalmente, a observação do outro conduzia à imitação, processo através do qual as crianças experimentavam outras formas de explorar um objeto, por vezes desconhecidas, aprendendo umas com as outras. Com o propósito de imitar o que observava, a criança aproximava-se, mas a sua atitude nem sempre era igual. Em algumas situações esperava que a outra criança deixasse o objeto, por exemplo, o S. observou o G. a tapar e destapar o tacho, aproximou-se e esperou que ele se afastasse para pegar nos objetos. Noutras situações, a criança optava por tirar o objeto ao colega, cuja reação nem sempre era igual. Enquanto algumas crianças ficavam apenas a observar ou procuravam outro objeto para explorar, outras tentavam recuperar o que lhes tinha sido tirado, resultando numa disputa.

Nesses momentos de conflito, uma forma de interação observada frequentemente, o adulto manteve a sua postura de observador, evitando intervir. Geralmente as crianças resolviam a questão sozinhas, emitindo, por vezes, alguns sons de frustração e olhando para o adulto, mas sem chorar, dedicando-se rapidamente a outra exploração. Apenas houve uma situação em que foi necessário intervir, quando o A. tentou tirar uma lata ao L. e este ia bater no colega com o objeto, parando assim que o adulto o chamou. É também de destacar o momento em que o J. recuperou um objeto que lhe tinha sido tirado pelo G., dando-lhe outro objeto diferente, pois ao contrário das restantes disputas, resolvidas quando uma das crianças desistia do objeto, neste caso o J. encontrou uma estratégia de resolução do problema que satisfaz ambas as crianças.

O interesse por um mesmo objeto nem sempre culminou em conflito, tendo sido observados alguns momentos, ainda que breves, de exploração em conjunto, por exemplo, quando o A. estava a explorar o coador e o J. se aproximou e o imitou, ficando ambos a pressionar o objeto. Além desta, observou-se outra situação em que as crianças brincaram em conjunto, quando o L. levou para a mesa uma caixa e a empurrou para o outro lado, onde o G. a apanhou e empurrou de volta, tendo o par repetido esta sequência de ações algumas vezes. Apesar desta brincadeira ter acontecido com um objeto da sala, não incluído no cesto, foi durante uma das sessões de Cesto dos Tesouros e é relevante mencioná-la, pois demonstra uma interação entre pares mais complexa, em que as ações de cada criança se complementam, sendo esta a evolução que se visa favorecer com este tipo de proposta.

4. Implicação

A implicação, definida como uma qualidade da atividade humana reconhecida pela concentração e persistência, caracteriza-se pela “(...)

motivação, fascinação, abertura aos estímulos e intensidade da experiência, tanto a nível físico como cognitivo e ainda por uma profunda satisfação e forte fluxo de energia” (Bertram & Pascal, 2009, p.128). A avaliação da implicação, enquanto forma de aferir a qualidade da experiência vivida pelas crianças, é feita de acordo com uma escala de cinco níveis: nível 1 – sem atividade; nível 2 – atividade frequentemente interrompida; nível 3 – atividade quase contínua; nível 4 – atividade contínua com momentos de grande intensidade; nível 5 – atividade intensa prolongada (*idem*).

Com o objetivo de ter a maior amostra possível, observando cada criança apenas numa sessão e excluindo as que não participaram na exploração tempo suficiente, avaliou-se a implicação de oito crianças, realizando para cada uma delas cinco observações aleatórias com a duração de um minuto (Tabela 4).

		Níveis de Implicação				
		Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
1º Cesto	C. (10 meses)		X			
				X		
				X		
				X		
			X			
	G. (15 meses)	X				
			X			
				X		
					X	
	J. (11 meses)			X		
				X		
		X				
			X			
2º Cesto	I. (13 meses)		X			
				X		
		X				
				X		
				X		
	H.			X		

3º Cesto	(12 meses)			X		
				X		
					X	
					X	
	A. (13 meses)			X		
				X		
				X		
					X	
					X	
	S. (12 meses)	X				
		X				
				X		
			X			
	L. (15 meses)			X		
			X			
		X				
				X		
			X			

Tabela 4 – Implicação

Analisando globalmente os resultados apresentados, conclui-se que na maioria das observações as crianças se encontravam a explorar os objetos, mas não estavam realmente implicadas na atividade, distraíndo-se com alguma facilidade, por exemplo, quando os adultos ou as outras crianças se movimentavam e/ou faziam barulho. Por vezes, a não implicação refletia-se também na rápida mudança da atenção de um objeto para outro. Ainda assim, verificaram-se alguns momentos de atividade intensa, em que as crianças evidenciaram sinais de implicação, como concentração, persistência e energia, identificados, por exemplo, através do olhar fixo nas mãos e nos objetos que manuseavam, ou dos sorrisos e sons de entusiasmo, entre outros indicadores, revelando que estavam a ter uma experiência de aprendizagem significativa.

A predominância de níveis mais baixos de implicação não quer necessariamente dizer que esta não foi uma experiência positiva para as crianças, até porque a análise das restantes categorias revelou vários benefícios. Contudo, os resultados desta avaliação devem ser interpretados de forma reflexiva, no sentido de compreender o porquê das crianças demonstrarem sinais de implicação baixos e o que pode ser alterado para

melhorar a qualidade da experiência proporcionada. Uma vez que a implicação é influenciada por diversas variáveis, essa reflexão não deve basear-se apenas no que se observou naquele momento, mas ter também em consideração o que se conhece de cada criança e o contexto em que decorreu a observação.

Refletindo sobre os dados apresentados, pode concluir-se que para algumas crianças os objetos incluídos no cesto geraram interesse e curiosidade, incitando-as a explorar, mas não o suficiente para que ficassem absorvidas nessa atividade. Dado que a avaliação da implicação foi feita posteriormente à atuação, não foi possível proceder a qualquer alteração na proposta, contudo, compreendendo que para algumas crianças os objetos não eram suficientemente desafiantes, seria necessário reanalisar os interesses de cada uma, com base nas informações recolhidas nesta exploração, bem como noutras observações em diferentes contextos, e rever o conteúdo do cesto de acordo com isso.

5. Narrativas de Aprendizagem

Como mencionado previamente, terminadas as sessões de Cesto dos Tesouros, foram elaboradas as Narrativas de aprendizagem sobre cada criança (apêndice III), evidenciando um momento significativo observado durante a exploração dos objetos, como forma de avaliação e de comunicação com os pais sobre esta experiência. Na Tabela 5, são mencionados os títulos das narrativas e as ações que foi possível observar em cada uma delas, sendo depois analisados os comentários da Educadora Cooperante e dos pais.

	Título	Ações observáveis	Características da aprendizagem
1	Eu consigo!	Autonomia; Persistência	Exploração

2	O tacho rola!	Demonstrar interesse	Pertença
3	Que som é este?	Demonstrar interesse	Pertença
4	Será que consigo tapar?	Persistência	Exploração
5	A descoberta da L.	Demonstrar interesse	Pertença
6	O que estás a fazer?	Interação entre pares	Contribuição
7	A observadora	Envolvimento	Segurança; Bem-estar
8	O que aconteceu?	Demonstrar interesse	Pertença
9	Que som faz?	Demonstrar interesse	Pertença
10	Será que encaixa?	Persistência	Exploração

Tabela 5 – Análise das Narrativas de aprendizagem

Primeiramente, as narrativas foram entregues à Educadora Cooperante, para que pudesse dar o seu feedback. Nos seus comentários fez sempre referência ao que conhece da criança em questão, as suas características e interesses, por exemplo, “o G. é muito bem-disposto, recetivo às atividades e curioso” ou “o H. gosta de brincar com elementos da natureza”. Contudo, nem sempre os aspetos destacados se relacionavam diretamente com o episódio retratado, sendo comentários mais gerais sobre a criança e não propriamente sobre o significado daquela experiência no seu processo de aprendizagem.

Relativamente à perspetiva dos pais, na sua maioria referiram também o que conhecem da criança, destacando a sua curiosidade e interesse pela exploração do que a rodeia, relacionando, em alguns casos, a experiência relatada com o que observavam em casa. Por exemplo, a Narrativa de aprendizagem do G. abordava o seu interesse pela produção de som e os pais partilharam que em casa “dá para perceber o estímulo de várias formas, seja a dançar a música do genérico da novela, seja a fazer sons com o xilofone ou

com uma simples colher de pau e um tupperware”, corroborando o que tinha sido evidenciado. Pelas palavras dos pais, também é possível perceber que consideram a curiosidade, entusiasmo e interesse, manifestados pelas crianças, como uma fonte para a aprendizagem. Além disso, alguns pais reconheceram o interesse dos seus filhos por materiais não estruturados e a importância deste tipo de experiências de exploração para o seu desenvolvimento, referindo, por exemplo, que a criança gosta de explorar objetos novos “principalmente quando não são brinquedos” (pais da I.) ou que “é muito importante a exploração de novos objetos e materiais, texturas” (pais do C.). Isto pode também ajudar a educadora a conhecer melhor as crianças e a organizar outras fontes de interesse para elas. É ainda de notar a manifestação, dos pais, pelo papel que a creche desempenha no desenvolvimento da criança, como na Narrativa de aprendizagem do C., em que terminam o seu comentário dizendo “muito obrigada por o ajudarem a crescer e a desenvolver nesta fase tão importante”.

6. Conclusões

Relembrando a questão de partida que norteou a realização deste trabalho, é chegado o momento de lhe dar resposta e compreender se os objetivos definidos foram atingidos. Através da análise dos dados, foi possível chegar a algumas conclusões relativamente ao potencial do Cesto dos Tesouros enquanto proposta pedagógica, que vão ao encontro dos aspetos evidenciados na literatura consultada.

Desde logo, há que referir que as crianças foram as protagonistas, tendo esta sido uma experiência de aprendizagem ativa, uma vez que tiveram liberdade para tomar decisões de acordo com as suas intenções, sem intervenção do adulto, agindo ao seu próprio ritmo e consoante os seus interesses. Esta promoção da autonomia, aliada ao tipo de objetos incluído nos

Cestos, cuja utilização não estava predeterminada, nem pressupunha respostas certas ou erradas, possibilitou explorações diversificadas e significativas, pois não foram impostas. Ao observar como as crianças exploraram os objetos, ficou claro quantas coisas diferentes elas fizeram, que não se esgotaram nas ações incluídas na tabela de observação, e como todo o corpo e todos os sentidos participaram nessa exploração (Goldschmied & Jackson, 2000).

Sendo também um dos objetivos do estudo compreender as interações sociais que surgem entre as crianças, é de notar as diferentes formas de interação que foi possível observar no decorrer da exploração, desde a troca de olhares à disputa por um objeto, e, particularmente, o início da evolução da ação individual para o brincar em conjunto, sem mediação do adulto, que ainda não se tinha observado noutras situações e que foi potenciada pela partilha dos objetos do Cesto, como sugerido por Goldschmied e Jackson (2000). Além disso, ainda que não se tenha verificado com todas as crianças, em alguns casos o tempo que permaneceram junto do Cesto e atentas aos objetos foi superior ao que geralmente se observava noutros momentos de brincadeira livre.

Pode, então, concluir-se que o Cesto dos Tesouros, ao disponibilizar uma grande variedade de objetos não estruturados, gerou curiosidade e motivou as crianças a explorar de diferentes formas, pessoalmente significativas, proporcionando experiências de aprendizagem diversificadas. Embora não seja possível garantir que houve desenvolvimento, sabe-se que proporcionar experiências sensoriomotoras plurais é essencial (Post & Hohmann, 2011; Oliverira-Formosinho & Araújo, 2013), sendo possível reconhecer o contributo desta proposta nesse sentido.

No entanto, esta experiência não foi enriquecedora apenas para as crianças. Do ponto de vista do adulto, há que destacar a perceção do Cesto dos Tesouros enquanto oportunidade privilegiada para observar as crianças e conhecer os interesses, preferências e progressos de cada uma (Majem &

Òdena, 2010), possibilitando uma avaliação diferenciada, que respeita a individualidade de cada criança. A utilização de instrumentos como as Narrativas de aprendizagem ajuda a dar sentido às observações, a documentar e a avaliar a experiência vivida pelas crianças, focando o seu processo de aprendizagem, bem como a partilhar a proposta com as famílias, favorecendo o seu envolvimento na avaliação e possibilitando que compreendam o contributo do Cesto dos Tesouros para a aprendizagem (Carr & Lee, 2012).

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fase final deste percurso, é fundamental refletir sobre as potencialidades e limitações do estudo realizado, perspetivando possíveis alterações e futuras ações. Além disso, enquanto futura Educadora de Infância, é também importante refletir sobre o impacto desta experiência a nível profissional e pessoal.

O estudo apresentado, não só aborda o brincar heurístico e, de forma mais aprofundada, o Cesto dos Tesouros, explicando os princípios em que se baseia e como se coloca em prática, como, de facto, demonstra o seu potencial enquanto proposta pedagógica para a creche, tendo a análise dos dados permitido compreender o seu contributo para a aprendizagem das crianças, bem como o impacto da proposta para o educador, constituindo-se como uma oportunidade privilegiada para observar, documentar e avaliar.

Contudo, o estudo teve algumas limitações, em parte devido à in experiência profissional, particularmente com a proposta do Cesto dos Tesouros, com a qual se contactou pela primeira vez. Uma das principais limitações foi o ambiente em que decorreram as sessões, nem sempre o mais indicado, influenciando a concentração das crianças. Por um lado, o facto do único local disponível para a exploração ser a sala de atividades refletiu-se na existência de distrações no espaço, pois não era possível remover todos os outros brinquedos e objetos que captavam a atenção das crianças, tendo existido também algumas interferências por parte de outros profissionais da instituição, por exemplo, quando precisavam de aceder a algum material. Por outro lado, também a movimentação do adulto para recolher dados constituiu uma distração, pois, na tentativa de fotografar as diferentes ações das crianças, as mudanças de sítio eram frequentes e nem sempre passavam despercebidas. Quanto a isso, teria sido mais adequado permanecer num local da sala onde fosse possível observar todo o grupo e ter um olhar mais crítico, registando apenas as situações relevantes, em vez de tentar captar tudo.

Outras dificuldades foram encontradas na recolha e análise de dados, nomeadamente, na elaboração das Narrativas de aprendizagem e na avaliação

da implicação, pois foi a primeira vez que se utilizaram esses instrumentos. No entanto, foi possível aprender com essas dificuldades, principalmente a analisar as experiências do ponto de vista das crianças, focando o processo e não o resultado. Essa aprendizagem, bem como toda a experiência de realização deste trabalho, veio reforçar a convicção de que a observação atenta das crianças enquanto brincam, aliada à reflexão, permite conhecê-las, identificar os seus interesses e acompanhar os seus progressos, sendo a base para a avaliação, bem como para a regulação da prática, garantindo que esta seja adequada às necessidades de cada criança.

Esta experiência com o brincar heurístico, e em particular com o Cesto dos Tesouros, teve um enorme impacto enquanto futura Educadora de Infância, principalmente por ser uma abordagem que se baseia na visão das crianças como seres ativos e competentes, visando potenciar o brincar espontâneo e a autonomia. A implementação desta proposta foi fundamental para a compreensão de como as crianças conhecem o mundo, como interagem com o que as rodeia e como se relacionam com os outros, no fundo, para a compreensão do seu processo de aprendizagem e da forma como o adulto o pode apoiar, preparando o espaço e os materiais.

Tendo isso em conta, espera-se que este trabalho, além de demonstrar o potencial do Cesto dos Tesouros, possa contribuir para a compreensão da importância da organização intencional do espaço e materiais em creche, de acordo com as especificidades das crianças nesta faixa etária (Araújo, 2013; Post & Hohmann, 2011), evitando reproduzir os espaços de jardim de infância, que são necessariamente diferentes, pois as necessidades das crianças nessa fase também o são. Assim, mais uma vez se destaca a importância da observação e reflexão crítica para garantir a qualidade do contexto (Araújo, 2013).

Com base neste estudo podem perspetivar-se algumas ações futuras, nomeadamente, voltar a implementar o Cesto dos Tesouros, com as melhorias necessárias, tendo em conta as limitações identificadas, e realizar um novo

estudo sobre a fase seguinte desta abordagem, o Jogo Heurístico com Objetos, aprofundando o conhecimento sobre esta proposta e o seu potencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, S. B. (2013). Dimensões da pedagogia em creche: Princípios e práticas ancorados em perspetivas pedagógicas de natureza participativa. In Júlia Oliveira-Formosinho & Sara Barros Araújo, *Educação em Creche: Participação e Diversidade* (pp. 29-74). Porto: Porto Editora.
- Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación*. 72, 85-104. Disponível em: <https://doi.org/10.35362/rie72037>
- Bertram, T., & Pascal, C. (2009). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Cardoso, M. G. S. B. (2012). *Criando contextos de qualidade em creche: ludicidade e aprendizagem*. (Tese de Doutoramento). Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/19748>
- Carr, M., & Lee, W. (2012). *Learning Stories: Constructing Learner Identities in Early Education*. London: Sage Publications.
- Coelho, A. (2004). *Educação e cuidados em creche: Conceptualizações de um grupo de educadores*. (Tese de Doutoramento). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/10856>
- Fochi, P. S. (2013). *“Mas os bebés fazem o quê no berçário, heim?”: documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/70616>
- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2000). *La educación infantil de 0 a 3 años*. Madrid: Ediciones Morata.
- Majem, T., & Òdena, P. (2010). *Descobrir brincando*. Campinas: Autores Associados.

- Meirelles, D. S. (2016). *Brincar heurístico: A brincadeira livre e espontânea das crianças de 0 a 3 anos de idade*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/152904>
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). A Pedagogia-em-Participação em creche: A perspetiva da Associação Criança. In Júlia Oliveira-Formosinho & Sara Barros Araújo, *Educação em Creche: Participação e Diversidade* (pp. 11-27). Porto: Porto Editora.
- Oliveira, K. R. S., Braz, F. S., Salomão, N. M. R., & Melo, C. R. F. (2015). O brincar nos primeiros três anos de vida: um estudo em contexto de creche. *Psicologia em Revista*. 21(1), 15-36. DOI: 10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P15
- Pack, J. (2015). Learning Stories. *Teaching Young Children*. 9(2). Disponível em: <https://www.naeyc.org/resources/pubs/tyc/dec2015/learning-stories>
- Portugal, G. (2011). No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços. In Conselho Nacional de Educação, *Educação da criança os 0 aos 3 anos* (pp. 47-60). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens*. (4ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Silva, M. R. P. (org.). (2016). *Cesto dos Tesouros: entre encantamentos, surpresas e descobertas*. Rio de Janeiro: Editora Albatroz. Disponível em: <https://editoraalbatroz.com.br/projects/cesto-dos-tesouros/>

APÊNDICES

Apêndice I – Documento informativo sobre o papel do adulto

O papel do adulto durante a exploração do Cesto dos Tesouros

O Cesto dos Tesouros é uma proposta de exploração que consiste em disponibilizar às crianças um cesto repleto de objetos do quotidiano, selecionados com o objetivo de servirem de estímulo aos cinco sentidos. Assim, nenhum dos objetos escolhidos é um brinquedo “normal” nem feito de plástico, mas sim objetos comuns, feitos de materiais naturais, com diferentes formas, pesos, texturas, cores, sabores, odores e sons, permitindo diferentes explorações sensoriais. Esta é uma atividade que parte da curiosidade e iniciativa das crianças e fortalece a sua capacidade de concentração, ao mesmo tempo que desenvolvem a motricidade fina e grossa, entre outras aprendizagens importantes que são potenciadas.

Durante o tempo de exploração do Cesto dos Tesouros, o adulto deve estar presente, sentando-se perto das crianças, observando-as atentamente e demonstrando interesse, através de um olhar ou um sorriso, mas sem intervir. Ao ter uma presença atenta, ainda que esta não seja ativa, o adulto proporciona às crianças a confiança necessária para que explorem os objetos.

Assim, o papel do adulto é permanecer tranquilo e atento, sem falar e sem incentivar as crianças a explorarem determinado objeto ou a manipulá-lo da “forma correta”, não interferindo com a sua livre exploração e concentração, com exceção dos casos em que haja disputa por algum objeto ou alguma criança esteja desconfortável e precise de ser cuidada.

Apêndice II – Consentimento informado

O “Cesto dos Tesouros” é uma proposta de exploração que consiste em disponibilizar às crianças um cesto repleto de objetos do quotidiano, selecionados com o objetivo de servirem de estímulo aos cinco sentidos. Assim, nenhum dos objetos escolhidos é um brinquedo “normal” nem feito de plástico, mas sim objetos comuns, feitos de materiais naturais, com diferentes formas, pesos, texturas, cores, sabores, odores e sons, permitindo diferentes explorações sensoriais.

Desta forma, serão proporcionados às crianças vários momentos de interação com diferentes Cestos dos Tesouros, tendo como principal objetivo analisar como elas exploram os objetos disponibilizados. Para além disso, serão igualmente observadas as interações que possam surgir entre as crianças durante a exploração e, também, as interações que as crianças estabeleçam com os adultos presentes.

Para isso, será conduzido um pequeno processo de monitorização por parte da Francisca Rico (aluna de mestrado da ESEC-IPC), sob orientação da Professora Vera do Vale, orientadora responsável pelo trabalho. Este trabalho surge da importância de compreender que os cinco sentidos têm um papel central na aprendizagem das crianças desta faixa etária e que, por esse motivo, devem ser estimulados através de diferentes propostas, como o Cesto dos Tesouros.

O que lhe vamos pedir?

A sua participação é muito importante. Para isso pedimos a colaboração no processo para que se possa fazer uma análise de alguns momentos de exploração das crianças face aos materiais.

1. Fotografias
2. *Observações em vídeo*: de alguns momentos de exploração

A todas as gravações em vídeo e áudio apenas terão acesso além de mim, os membros da equipa educativa. As gravações destinam-se a recolher dados de uma forma mais detalhada permitindo uma melhor análise posterior e as fotos à construção de narrativas de aprendizagem para que os pais possam acompanhar o processo.

Todos os dados recolhidos são estritamente confidenciais. A participação das famílias é também totalmente voluntária, sendo que podem desistir da mesma a qualquer momento do processo de investigação, mesmo tendo assinado concordar em participar.

Assim, pedimos que assinale de seguida as fases de recolha de dados em que pretende participar (sendo que tal participação engloba quer o seu envolvimento, quer o da criança, em alguns momentos):

1. Narrativas de aprendizagem ☐
2. Vídeo de observação ☐

De seguida, pedimos que assine o respetivo consentimento. Note que, ao assinar, consente participar nos diversos momentos, bem como à sua criança, permitindo também as gravações em áudio e vídeo supracitadas.

AUTORIZAÇÃO DO REPRESENTANTE LEGAL

Eu,

_____,
 mãe/pai/outro cuidador (circular o adequado), enquanto representante legal da criança _____ declaro que tive conhecimento dos objetivos e procedimentos do estudo “ Cesto dos Tesouros” e que desejo participar, autorizando a filmagem e as fotos da criança a meu cargo.

Assinatura:

Data/...../.....

Apêndice III – Narrativas de aprendizagem

Eu consigo!



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, o J viu uma laranja no chão e tentou pegá-la apenas com uma mão, percebendo que era pesada. Tentou várias vezes até conseguir pegar na laranja, utilizando as duas mãos.

Que significado tem esta experiência?

O J demonstrou interesse pela laranja explorando-a, mas encontrou uma dificuldade, o peso. Foi persistente e não desistiu até conseguir resolver o problema, atingindo assim o seu objetivo.

Oportunidades e possibilidades

Colocar à disposição objetos com pesos e características diferentes, que permitam ao J explorar.

Comentário da equipa educativa:

O J gosta de novidades e
de explorar. Na maioria das vezes segue
seguinte mas em alguns momentos já parece
os pares.

Comentário dos pais

Ele é um menino que gosta muito de descobrir,
é super curioso e gosta deste tipo atividades.

O tacho rola!



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, um tacho caiu no chão e rolou. Ao observar isto, o L aproximou-se do tacho e fê-lo rolar novamente.

Que significado tem esta experiência?

O L demonstrou interesse e curiosidade pela possibilidade de o tacho rolar quando colocado sobre a sua superfície redonda.

Oportunidades e possibilidades

Proporcionar objetos variados e com diferentes características que permitam a exploração.

Comentário da equipa educativa

O L é uma criança curiosa, bem disposta e gosta muito de interagir com os pares e com os brinquedistas/materialistas de sala.

Comentário dos pais

O L em casa também tem o mesmo entusiasmo e interesse em tudo o que o rodeia, e querem sempre abrir e fechar armários para descobrir o que está lá dentro. esse tipo de actividades ajuda-o a desenvolver a sua capacidade de saber o que fazer com os ^{objetos} coisas novas do dia-a-dia. obrigado.

Que som é este?



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, o H colocou algumas pedras e conchas dentro de uma lata e agitou-a, o que produziu som. Ao perceber que isto acontecia, repetiu a ação várias vezes.

Também tentou combinar outros objetos e perceber com quais conseguia produzir sons.

Que significado tem esta experiência?

O H envolveu-se na exploração dos diferentes objetos, mostrando interesse e curiosidade pelos sons que conseguia produzir com eles.

Oportunidades e possibilidades

Disponibilizar outros objetos que permitam a exploração de diferentes sons.

Comentário da equipa educativa

O H gosta de brincar com elementos de natureza. É curioso e explorador. Não tem medo de agitar objetos.

Comentário dos pais

O H é muito curioso, não tem medo de novidade. Procura coisas novas. Adora a natureza e os animais.

Será que consigo tapar?



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, a C pegou na tampa do tachó, fazendo algumas tentativas para o conseguir tapar.

Que significado tem esta experiência?

A C revelou interesse pela exploração da correspondência entre o tachó e a sua tampa e, particularmente, pela possibilidade de o conseguir tapar. Fez várias tentativas para atingir o seu objetivo, demonstrando persistência.

Oportunidades e possibilidades

Proporcionar o contacto com outros objetos que permitam a descoberta de correspondências.

Comentário da equipa educativa

A C é uma criança receptiva às atividades e bastante curiosa. Gosta de explorar elementos novos.

Comentário dos pais

- Em casa, a C também costuma brincar com objetos do dia-a-dia?

Sim, costuma sim, como por exemplo, cerraduras, chaves, etc.

A descoberta da L



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, a L, ao explorar folhas secas, descobriu que conseguia parti-las em bocados e repetiu essa ação várias vezes.

Que significado tem esta experiência?

A L demonstrou interesse e curiosidade pela exploração das folhas secas e das suas propriedades, revelando bem-estar e envolvendo-se nas suas descobertas.

Oportunidades e possibilidades

Proporcionar mais experiências com elementos da natureza, em espaço interior ou exterior.

Comentário da equipa educativa

A L nem sempre gosta de explorar elementos novos mas fez muito bem nestas atividades.

Comentário dos pais

- A L costuma ter acesso a elementos da natureza?

Sim! Vamos com alguma frequência para uma casa que temos na aldeia e temos uma terra, com os animais, etc...
 É bastante receptiva à terra e aos animais!

O que estás a fazer?



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, o G estava a colocar tampas de frasco dentro de um tacho. Observando esta ação, o S aproximou-se e começou também a explorar as tampas e o tacho.

Que significado tem esta experiência?

O S, durante a sua exploração, observou simultaneamente a atividade das outras crianças, demonstrando interesse pelo que estas faziam e curiosidade pelas suas descobertas, imitando-as.

Oportunidades e possibilidades

Promover outras experiências em que as crianças possam interagir durante as explorações, partilhando as suas descobertas.

Comentário da equipa educativa

OS teve um olhar muito fixo sobre
que veio para a mesa

Comentário dos pais

OS é muito observador, goste de
explorar os brinquedos de Sora e de
brincar com as peças.

A observadora



O que aconteceu?

Da segunda vez que foi apresentado o Cesto dos Tesouros, a I esteve tranquilamente sentada junto do cesto e das outras crianças, observando-as com atenção. Após algum tempo, revelou interesse em explorar alguns dos objetos apresentados, pegando neles e observando-os.

Que significado tem esta experiência?

Ao explorar os objetos, a I demonstrou bem-estar e confiança, sendo possível perceber que se sentiu segura naquele ambiente.

Oportunidades e possibilidades

Continuar a proporcionar experiências novas e com diferentes objetos que incentivem a I a explorar, promovendo a sua confiança.

Comentário da equipa educativa

A I não apresenta pessoas com elementos estranhos e demora um pouco a adaptar-se mas depois acaba por brincar com interesse.

Comentário dos pais

- A I revela interesse em explorar objetos novos?

Sim; principalmente quando não são brinquedos e objetos de abrir e fechar. Ela coloca tudo na boca e gosta agora de jogar no chão para escutar o barulho.

O que aconteceu?



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, o C explorou um rolo de cartão. Após colocá-lo na boca uma primeira vez, percebeu que a sua ação alterava o objeto, pois o cartão, ao ficar molhado, desfazia-se. Então, repetiu a ação, observando os efeitos da mesma.

Que significado tem esta experiência?

O C envolveu-se na exploração do rolo de cartão e demonstrou curiosidade pela análise dos efeitos que as suas ações produziam.

Oportunidades e possibilidades

Disponibilizar outros objetos que, através da exploração, possam ser alterados pelas crianças, permitindo a perceção de relações de causa-efeito.

Comentário da equipa educativa

10 B é a criança mais pequena do grupo, ainda se encontra na fase oral, daí colocar tudo na boca. É muito observador.

Comentário dos pais

É muito importante a exploração de novos objetos e materiais, textures visto que o C adora explorar tudo. Muito obrigado por o ajudarem a crescer e a desenvolver nesta fase tão importante.

Que som faz?



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, o G descobriu que se raspasse um objeto num pedaço de cartão, que tinha uns recortes, produzia um som. Então, experimentou utilizar um objeto de madeira e outro de metal para raspar no cartão, compreendendo o som diferente que era produzido. De seguida, experimentou os mesmos objetos para bater numa lata, atentando novamente ao som produzido.

Que significado tem esta experiência?

O G demonstrou interesse e envolveu-se na exploração dos sons que conseguia produzir com os objetos disponibilizados, sendo persistente e experimentando diferentes estratégias para explorar diferentes sons.

Oportunidades e possibilidades

Disponibilizar outros objetos que permitam a exploração sonora.

Comentário da equipa educativa

O G é muito bem disposto, receptivo às atividades e curioso. Gosta de brincar com os objetos e explorar novos materiais.

Comentário dos pais

Seja em casa, ou na rua e sempre que possível, deixamos o G explorar o máximo possível. De vez em quando o estimulamos de várias formas, seja a cantar a música de aniversário da neta, seja a fazer sons com o xodófone ou com um simples colher de pau e um tupperware.

Será que encaixa?



O que aconteceu?

Durante a exploração do Cesto dos Tesouros, o A encontrou uma lata e uma tampa que lhe pareceu ser a correspondente e, então, tentou tapar a lata com ela. Após várias tentativas, conseguiu.

Que significado tem esta experiência?

O A demonstrou interesse e curiosidade pela correspondência entre a lata e a tampa e foi persistente na sua tentativa de fechar a lata.

Oportunidades e possibilidades

Disponibilizar outros objetos que permitam correspondências e encaixes.

Comentário da equipa educativa

O A é uma criança curiosa e determinada brincar com a maioria das brincadeiras de sala mas prefere explorar tudo o que é novidade.

Comentário dos pais

- O A gosta deste tipo de objetos de encaixe?

O A é uma criança naturalmente curiosa que gosta de jogos que apresentem desafios.